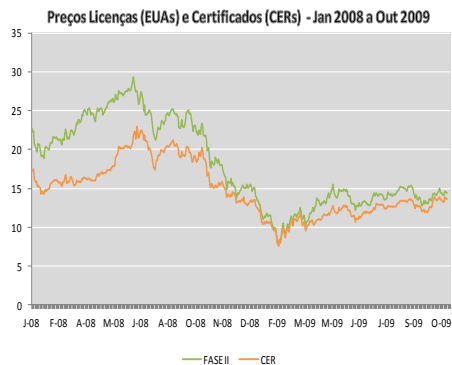


Mercados de CO₂

Subida de 10% em Outubro

Os preços dos activos de carbono registaram em Outubro uma valorização próxima dos 10%, acompanhando a forte subida do mercado do petróleo e do gás natural. Os investidores financeiros (ou não industriais) têm sido ao longo dos últimos 6 meses os maiores participantes deste mercado, notando-se uma reduzida oferta natural por parte do sector industrial, que estando excedentário já terá, na sua maioria, vendido as suas licenças ao longo do primeiro semestre. Voltamos a afirmar aqui que, apesar do comportamento bastante positivo destes activos desde os mínimos registados em Fevereiro (subida de cerca de 90%), a expectativa até ao final do ano será de moderada correcção. A crise económica e financeira mundial teve como consequência imediata uma travagem acentuada da produção industrial europeia ao longo deste ano, resultando numa substancial quebra das emissões de carbono e a um mais que esperado cenário excedentário até pelo menos 2011. Estes dados, mais tarde ou mais cedo, chegarão ao mercado e terão as suas consequências nos preços das emissões.



Banguete... Barcelona...

Copenhaga... - *Inside* Barcelona

A última ronda negocial antes de Copenhaga, que está a decorrer esta semana em Barcelona, pode resumir-se em três palavras: EUA, EUA, EUA. Todas as conversas, em particular as de corredor (que são as que permitem sentir o pulso verdadeiro ao estado das coisas), vão dar aos EUA. A opinião geral é de que isso é um mau presságio: a última vez em que este país foi o Alfa e o Omega das Negociações de Clima foi em Novembro de 2000 – George Bush tinha acabado de ser eleito e a Conferência de Haia resultou no maior fracasso de sempre, não se tendo alcançado um acordo quanto às regras de implementação do Protocolo de Quioto. (cont. pág. 2)

Cool it

Com a agenda política das alterações climáticas em ebulição e sendo este unanimemente classificado como o problema ambiental mais grave do séc. XXI, ecoam algumas vozes dissonantes que questionam a necessidade de todo este esforço face a outros e, mais que isso, que questionam a necessidade de investir tão avultados recursos na redução das emissões de Gases com Efeito de Estufa (GEE). Mesmo não duvidando que as alterações climáticas são uma realidade. É esta a perspectiva de Björn Lomborg, que dirige o "think-tank" dinamarquês *Copenhagen Consensus Center* (CCC), entidade que reuniu 50 economistas durante dois anos com o objectivo de definir prioridades para "um mundo melhor". O economista esteve no nosso país no passado mês de Setembro por ocasião do *Greenfestival* que decorreu no Centro de Congressos do Estoril (1). (cont. pág. 2)

valores em €	30-Out	Δ Mensal	%
EUA Spot	14,51	1,15	8,61%
Fut 2009	14,54	1,54	8,83%
Fut 2010	14,90	1,85	9,24%
Fut 2011	15,49	2,12	9,24%
Fut 2012	16,30	1,35	9,03%
CERs Spot	13,80	1,71	14,14%

	30-Out	%
UK Gas (NBP p/th)	28,75	20,80%
Carvão (API2 USD/t)	75,00	6,38%
Brent (USD/barrel)	75,20	8,88%
Crude (USD/barrel)	78,55	11,24%

Banguete... Barcelona... Copenhaga... - *Inside* Barcelona (cont.)

Desta vez, as opiniões ainda se dividem nos corredores da *Fira* de Barcelona: o resultado de Copenhaga ficará sempre muito aquém do que a opinião pública esperaria, em particular depois de tão altas expectativas, face ao novo presidente americano. Nesta altura ninguém acredita que Copenhaga terminará sem um acordo – pelo menos um conjunto de princípios será certamente alcançado. As opiniões divergem quanto ao alcance do acordo que se irá atingir. Metas de redução é certo que não serão acordadas.

De resto, *business as usual*: centenas de horas de discussão em torno de dezenas de páginas de texto negocial cheio de opções e alternativas que tentam espelhar da melhor forma as posições de cada país. Nada de novo. Dizia uma negociadora que regressa ao processo ao fim de vários anos de afastamento: “a única coisa que mudou foi o jargão. De resto, os

interesses, posições e formas de negociar de cada país mantêm-se exactamente os mesmos de há anos!”

Gonçalo Cavalheiro
Director-Técnico
gcavalheiro@ecoprogresso.pt

Barcelona
Climate
Change
Talks 2009



Gonçalo Cavalheiro encontra-se em Barcelona integrado na delegação Europeia, com a missão de entrevistar delegados de países sobre as dificuldades e necessidades desses países relativas à implementação e monitorização de medidas de mitigação.

Cool it (cont.)

Com base nos resultados do seu estudo, o economista argumentou que “o combate ao aquecimento global não deve ser esquecido, mas há que ter presente que a Humanidade enfrenta problemas mais graves e urgentes como a fome, a falta de água potável e as epidemias, pelo que é premente a criação de políticas que dêem prioridade à batalha contra estes últimos”.

Na opinião de Lomborg, os investimentos que têm sido feitos para combater as alterações climáticas, essencialmente relacionados com a redução das emissões de GEE, são demasiado avultados face aos seus benefícios. O objectivo traçado pela União Europeia, a meta de redução de 20% das emissões em 2020, implica um investimento de USD 7 000 mil milhões para a redução de apenas 0,02°C prevista em 2100.

Constantemente controverso, num artigo de 28 de Setembro no *Washington Post*, Lomborg cita Richard Tol (perito em economia ambiental do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas) de acordo com o qual caso o acordo de Copenhaga seja bem sucedido e as Nações assumam compromissos que visem a limitação das emissões de GEE que permitam que a temperatura média não

auge mais que 2°C, o custo será de USD 46,0 biliões para evitar danos de USD 1,1 bilião, mesmo assumindo que a classe política vai tomar as opções mais eficientes e eficazes (estudo a publicar pela Cambridge University Press no próximo ano).

Com o aproximar da cimeira de Copenhaga, ficam as perguntas de Lomborg: “O Mundo está cheio de problemas. É o aquecimento global o maior de todos? Ou apenas o que gasta mais dinheiro?”.

Mas até Lomborg reconhece que, sendo uma alternativa custo-eficaz, é importante adaptar o mundo às alterações climáticas.

Inês Mourão
Consultora
imourao@ecoprogresso.pt

¹A intervenção de Bjorn Lomborg pode ser vista na totalidade em <http://www.greenfestival.pt/2009/conferenciasDirecto.aspx>



Empresas... num Clima em Mudança

A Ecoprogresso foi convidada a participar na Expo Água 2009 com uma intervenção sobre o tema "As Obrigações das Empresas Portuguesas no âmbito da Estratégia Nacional de Adaptação às Alterações Climáticas".

Os impactes das alterações climáticas estão aí: os relatórios mais recentes do Instituto de Meteorologia referem o último mês de Setembro como o mais seco dos últimos 22 anos, com o maior número de dias com Risco de Incêndio Máximo (o mais gravoso) desde 2000, e Outubro como quente (com valores superiores em 2,1°C à média da temperatura tida como referência) e com uma onda de calor (entre 10 e 18 de Outubro). Contudo, sendo a adaptação um tema transversal e depois de ter preparado o Documento de Referência para a Definição da Estratégia Nacional e ter proposto um processo baseado num processo exaustivo de consulta dos diversos *stakeholders* sectoriais aos vários níveis, a proposta que esteve em consulta pública parece pecar por ser omissa no que concerne à participação e envolvimento do sector privado e, na generalidade, na adopção de uma abordagem *bottom-up* com envolvimento destes agentes. Assim, espera-se que a próxima versão da Estratégia Nacional para a Adaptação seja pautada pelo reconhecimento da necessidade de uma maior assertividade de *climate-proofing* dos instrumentos de planeamento (por exemplo, através da obrigatoriedade da consideração das alterações climáticas e da vulnerabilidade da área ou do sector a programar aos impactes projectados) e do recurso à abordagem *bottom-up* (por exemplo, através da representação de associações empresariais no Grupo Coordenação). Em paralelo, deverá igualmente ser promovido o *climate-proofing* das estratégias e planos de negócio do sector privado.

Estamos perante uma Estratégia ambiciosa, que requer por definição um maior envolvimento da população e dos actores públicos locais e privados, propondo-se a elaboração de um Programa de Comunicação com vista à disseminação de *sound information* sobre os impactes das alterações climáticas (incluindo de

fenómenos meteorológicos extremos) e de *know-how* sobre medidas de adaptação que garanta a auscultação dos mais variados sectores de actividade. Esperamos que a Estratégia Nacional integre estas considerações e que efectivamente o encontro entre as abordagens *top-down*, com a criação dos instrumentos necessários, e da *bottom-up*, coadjuvada pelos meios necessários para garantir uma eficaz participação dos vários membros da sociedade civil, garanta que Portugal seja *climate-proofed*.

Por isso não é surpreendente que num livro como o "MBA in 80 minutes" (Reeves e Knell, 2009) o primeiro capítulo dedicado à sustentabilidade seja introduzido com "8 das 10 empresas do FTSE500 consideram as alterações climáticas como um risco comercial. Contudo, a mesma proporção considera-as como uma oportunidade comercial, tanto para produtos e serviços existentes como novos."

Importa então envolver as empresas para que um Clima em Mudança seja uma oportunidade!



RICHARD REEVES & JOHN KNELL

Inês Mourão
Consultora
imourao@ecoprogresso.pt

United Nations Framework Convention on Climate Change

COUNTDOWN TO COPENHAGEN



A Ecoprogresso é uma empresa:



Para mais informações contacte:

Maria João Ramos | Departamento de Comunicação
mramos@ecoprogresso.pt
T +351 217 981 210

Para Trading de Licenças contacte:

Francisco Rosado | Director de Trading
frosado@ecoprogresso.pt
T +351 217 981 212